Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

KARL RAHNER: por uma ideia fundamental da mariologia

Danilo Ferreira da Silva[1]

A presente comunicação tem por objetivo apresentar os resultados das leituras de alguns textos marianos de Karl Rahner, sobretudo, um capítulo que trata da ideia fundamental da mariologia, presente no livro Maria, mãe do Senhor. Como o título do capítulo indica a busca é por um princípio sintético e unificador da mariologia, uma ideia fundamental que esteja na base de todos os pronunciamentos marianos oficiais realizados solenemente pela Igreja[2]. Portanto, o objetivo desta comunicação é conseguir antes de tudo "uma visão de conjunto da figura da santíssima Virgem" (RAHNER, 2012, 39). Não é objetivo primeiro a reflexão sobre cada uma das verdades dogmáticas feitas pela Igreja a respeito da Deípara, mas "simplesmente uma afirmação fundamental acerca de Maria donde se derivam, como por si mesmas, todas as proposições que a fé católica reconhece acerca dela" (RAHNER, 2012, 39).

O referido capítulo do escrito rahneriano está dividido em uma breve introdução (Cf. RAHNER, 2012, 39-40), uma exposição do que os teólogos identificam como o princípio fundamental da mariologia (Cf. RAHNER, 2012, 40-42), em seguida o posicionamento original de Rahner (Cf. RAHNER, 2012, 42-48) e, por fim, o resultado de sua reflexão (Cf. RAHNER, 2012, 48-50). Ainda que o escrito não esteja dividido em subtítulos é possível identificar essa estrutura na própria argumentação.

Introdução

[1] Danilo Ferreira da Silva é sacerdote católico, da Diocese de Garanhuns – PE, mestre em Teologia pela UNICAP, graduado em filosofia pela FAERPI e graduado em teologia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI. Contato: sem_danilofs@hotmail.com

[2] Essa discussão é muito forte nos anos imediatamente precedentes ao Concílio Vaticano II, mas creio que não seja uma discussão estéril: seja para compreender a crise da mariologia no pós-concílio (Cf. GONZALEZ, 1990, 11-23), seja para uma fundamentação da mariologia, não em sentido dedutivo, mas como compreensão de uma lógica interna dos dogmas marianos (Cf. GARCÍA PAREDES, 2001, 291).

A Igreja professa quatro verdades de fé acerca de Maria, a saber, Mãe de Deus, Virgindade Perpétua, Imaculada Conceição e Assunção ao céu. Contudo, que necessidade a Igreja tem de realizar tais afirmações e de apresenta-las como dogmas da fé católica, vinculando-as assim com a salvação, a tal ponto de comprometer a beatitude final de quem não professar tais verdades? Não é isso algo desnecessário? Ou, por outro lado, essas verdades estão tão vinculadas ao mistério salvífico de Cristo e dele dependentes que não professá-las seria colocar em risco toda a obra salvífica realizada pelo Pai em seu Filho por meio do Espírito Santo e exatamente por isso são tão veementemente defendidas e proclamadas pela Igreja? Se assim é, então se faz necessário encontrar um princípio fundamental que revele a vinculação direta destas verdades dogmáticas mariológicas com a salvação realizada em e por meio de Jesus Cristo, pois "um dogma, além de ser verdadeiro, nos fala *a nós*. E a nós não nos diz apenas porque é verdadeiro, mas porque é uma verdade para nossa salvação" (RAHNER, 2002, 139).

Posicionamentos dos teólogos[3]

Rahner constata que os teólogos buscaram esse princípio fundamental da mariologia de diversas formas. Alguns afirmam que tal princípio é a "maternidade divina" (RAHNER, 2012, 40), ao que se rebate pelo fato de que isso vincularia Maria a Jesus por meio de uma "relação puramente pessoal e particular" "como seu filho corporal" (RAHNER, 2012, 40), comprometendo a universalidade da salvação, pois faria esta depender de um vínculo carnal. Outros dizem, segundo Rahner, que

[3] Aqui é esclarecedora a citação de um texto de Rahner feita por Carlos I. González: "Num estudo sobre o ponto de partida da Mariologia, Rahner compilou a tendência em dez princípios e acrescentou o próprio. 'Entendendo por princípio fundamental da Mariologia o princípio do qual derivam todas as propriedades e funções de Maria, importantes para a história da salvação, pode-se esboçar diversas formulações: apenas a maternidade divina (Pohle-Gierens, Fernandéz, Llamera, Gagnebet etc.), nova ou segunda Eva (Deneffe, Zimara, Alameda), maternidade universal de Maria (Roschini), maternidade esponsal (Sheeben, Druwé), maternidade e função co-redentora formando um único princípio (Markelbach, Benz) maternidade divina em sua historicidade concreta (Bover, Aldama, Bernard), maternidade do Cristo total, cabeça e membros (Garcia Garcés), ou resumindo dois princípios como maternidade divina e maternidade espiritual (Cuervo), maternidade divina e participação na função mediadora de Cristo (Bittremieux, Dillenscheneider, Keuppens, Alastruey), ou finalmente a receptividade que acolhe a salvação em nome de toda a humanidade, como representante da Igreja (Koester, Semmelroth). Todas essas teorias coincidem objetivamente em um ponto essencial: Maria, em e por sua maternidade divina, não tem apenas uma relação *privada* com a pessoa do Verbo encarnado; mas ocupa na história da salvação uma posição essencial, única e decisiva'" (GONZALÉZ, 1990, 18-19).

“Maria é nossa Mãe em sentido verdadeiro” e “tem, portanto, um papel decisivo na história salvífica e não só na história da vida pessoal privada de Jesus” (RAHNER, 2012, 41), ou seja, a Maria “corresponde uma maternidade universal” (RAHNER, 2012, 41). Outros ainda argumentam, segundo Rahner que “Maria é a segunda Eva”, ou ainda, em perspectiva eclesial que Maria “significa a receptividade acolhedora da salvação para todos nós” (RAHNER, 2012, 41). Há quem diga inclusive que Maria e Cristo têm um vínculo esponsal (Cf. RAHNER, 2012, 41), pois seria Mãe, mas ao mesmo tempo esposa com referência à Eva esposa de Adão (Cf. RAHNER, 2012, 42).

Esses posicionamentos dos diversos teólogos podem ser levados em consideração e em certo sentido expressam dimensões válidas da figura de Maria. Contudo, falta uma vinculação do princípio adotado com as demais afirmações de fé feitas pela Igreja a respeito da santíssima Virgem. Rahner não se propõe superar esses posicionamentos teóricos, bem como, não quer “escolher uma destas proposições”, mas deseja elaborar “um ponto de vista totalmente diferente” para a questão de um princípio fundamental da mariologia (Cf. RAHNER, 2012, 42).

Posicionamento de Rahner

Para chegar a uma visão de conjunto da mariologia, ou melhor, para identificar um princípio fundamental, o que indicará o lugar da mariologia no todo da reflexão teológica, Rahner parte de uma questão crucial: “o que é, com exatidão, o cristianismo perfeito?” (RAHNER, 2012, 42). Esta pergunta exige um esclarecimento sobre o que é o cristianismo de um modo mais geral para só então definir o ‘cristianismo perfeito’.

Apofaticamente, ante a pergunta pelo “o que é o cristianismo?” (RAHNER, 2012, 42), Rahner afirma três realidades que ele não é: primeiro não é “algo que o homem inventa ou descobre” (RAHNER, 2012, 42); segundo, não é “a elevação do homem a Deus por suas próprias forças” (RAHNER, 2012, 42-43); e, terceiro, não é “um cumprimento de mandamentos dados por Deus para que o realizemos por nós mesmos” (RAHNER, 2012, 43). Como elemento comum nestas definições negativas está o fato de que o cristianismo é antes de tudo e, sobretudo, graça. Deste modo e nesta perspectiva da graça pode-se definir catafaticamente que o “o cristianismo é a

obra do Deus vivo em nós: é o que Ele nos dá, o Deus vivo da graça, no perdão e na redenção, na justificação e na comunicação de sua própria glória" (RAHNER, 2012, 43). O que Deus comunica não são coisas, mas Ele próprio, o que Ele faz é "autocomunicação" (RAHNER, 2004, 148) e não apenas comunicação de seus dons, desta forma, o cristianismo "é o mesmo Deus eterno que vem ao homem e que atua no homem por sua graça, de maneira que este abre livremente seu coração para que penetre no pobre coração dessa pequena criatura a esplêndida, total, infinita vida do Deus trinitário" (RAHNER, 2012, 43).

Essa compreensão de cristianismo acima descrita é formulada a partir da autocomunicação de Deus, ou seja, um Deus que se doa livremente ao ser humano, não em coisas, ou em particularidades de sua graça, mas se doa a Si mesmo. Essa compreensão do cristianismo a partir de Deus é real e autêntica, mas é possível também compreender o cristianismo a partir do homem. De modo que, o cristianismo nessa perspectiva seria o "amor dos homens a Deus concedido por Deus a esses mesmos homens; amor no qual o homem recebe esse dom que é Deus mesmo" (RAHNER, 2012, 43). De certo modo, mesmo nessa definição o elemento da gratuidade está como referência fundamental na definição do cristianismo posto que o amor que o homem pode dedicar a Deus é dado pelo próprio Deus o que resguarda a gratuidade da graça e, sobretudo, a primazia da ação de Deus na salvação do ser humano.

Esclarecido estas duas possibilidades de compreensão do cristianismo, a partir de Deus e a partir do homem, e percebendo que a graça está no cerne tanto de uma quanto de outra visão, então agora convém perguntar "o que é o cristianismo perfeito?" (RAHNER, 2012, 44). Rahner apresenta três definições possíveis. Primeiro, o:

> cristianismo perfeito deve consistir em que o homem receba este dom do Deus eterno, que é Deus mesmo, com uma liberdade imbuída de graça; que o acolha com corpo e alma, com todas as forças do seu ser, com tudo o que é e o que tem, o que faz e padece a fim de que esta recepção englobe a totalidade do ser do homem e toda sua história, para introduzi-la na vida eterna de Deus (RAHNER, 2012, 44).

O cristianismo perfeito está situado na relação entre Deus e o homem. Um Deus que livremente quer se doar e um homem, que já desde sempre lançado na graça, pode aceitar ou recusar essa autodoação. Nesse sentido, e esta é a segunda definição, o cristianismo perfeito procura adequar a história e a profunda

intimidade da consciência, a profissão e a vida pessoal, o exterior e o interior (Cf. RAHNER, 2012, 44). E por fim, “o cristianismo em sua forma perfeita deve significar assim que este perfeito cristianismo do cristão se dedica sem reservas a salvação dos demais e que só então será verdadeiramente perfeito, quando se realiza como tal em todas as pessoas e em todos os tempos” (RAHNER, 2012, 45).

Em que sentido a mariologia está em profunda sintonia com essas três dimensões da definição de cristianismo perfeito? Ter uma resposta para essa questão é descobrir igualmente o princípio fundamental da mariologia. Rahner associa cada ponto da definição de cristianismo perfeito com a vida de Maria partindo do princípio de que “Maria é a realização concreta do cristianismo perfeito” (RAHNER, 2012, 45). Deste modo, compreendendo o cristianismo, primeiro como “pura recepção da salvação do Deus eterno e trinitário que aparece em Jesus Cristo” então, sem dúvida alguma, “é Maria o cristão perfeito, o ser humano por excelência, posto que ela recebeu na fé do Espírito e em seu bendito seio – portanto em corpo e alma e com todas as forças de seu ser – a palavra eterna do Pai” (RAHNER, 2012, 45). Segundo, se o cristianismo perfeito diz respeito a correlação entre vida interior e vida exterior, entre missão salvífica e vida pessoal, “então esse cristianismo se deu perfeitamente em Maria, pois ela é a que concebe de uma maneira palpável o Verbo de Deus feito carne e é, portanto, a figura mais representativa, entre os seres meramente humanos da história visível e concreta da salvação” (RAHNER, 2012, 45). Por fim, compreendendo o cristianismo perfeito como a “irradiação e influência da graça de cada um em serviço desinteressado pela salvação alheia” (RAHNER, 2012, 45-46), então não resta dúvida de que “Maria é a representação mais perfeita do ser cristão, pois o que ela concebeu no sim de sua fé e na corporalidade de sua maternidade divina é a salvação de todos: Jesus Cristo, nosso Senhor” (RAHNER, 2012, 46). A maternidade aqui é entendida não como um acontecimento meramente físico, mas como a própria “Escritura, em Lucas, declara expressamente, além disso, que a maternidade é livre ato de fé da Virgem. Este ato é causa da maternidade e ambas as realidades formam uma unidade” (RAHNER, 2000, 209). A maternidade de Maria é em sentido pessoal e não apenas biológico (Cf. RAHNER, 2000, 209). Ela concebe “em sua carne”, mas também “por sua fé” (Cf. RAHNER, 2000, 223).

É nesse sentido que o cristianismo deve ser entendido não como a recepção de uma ideia simplesmente, ainda que a ideia seja um momento

necessário, mas “no concreto da história, na sua (de Deus) palavra humana, em sua graça que transfigura o mundo, simplesmente, na corporalidade do ser humano, é evidente que o caso mais perfeito de cristianismo, como aceitação de Deus em sua realidade corporal concreta, é a maternidade divina” (RAHNER, 2012, 46). Deste modo, a pergunta pelo cristianismo perfeito tem uma resposta simples e bela: a Virgem Maria. Realmente ela é a perfeita cristã por ser expressão concreta da “redenção em sua forma mais perfeita” e assim, nela se “manifesta, em certo modo, o significado de Igreja, graça, redenção e salvação de Deus” (RAHNER, 2012, 46), isto porque essas realidades se encontram plenamente realizadas em Maria (Cf. RAHNER, 2012, 46-47). É nesse sentido que se pode afirmar que “esta pessoa que chamamos Maria é na história da salvação como o ponto desta história sobre o qual cai perpendicularmente a salvação do Deus único, para estender-se desde lá à toda humanidade” (RAHNER, 2012, 47).

Resultado da argumentação

Historicamente o cristianismo já atingiu sua perfeição em Maria. Ela seria as primícias da redenção realizada por seu filho que é Deus e homem verdadeiramente. De modo que a garantia que a humanidade tem de que será salva é Maria, posto que não é deusa e humana, mas simplesmente humana e desta forma em tudo próxima aos demais seres humanos. Jesus é Deus e homem verdadeiramente e nisto consiste o seu mistério “em ser ambas as coisas” (RAHNER, 2012, 48). Já Maria “pertence completamente a nossa condição, pois ela, como nós, deve receber a misericórdia de Deus; e representa perfeitamente o que nós mesmos devemos ser ante Cristo” (RAHNER, 2012, 49). Conclui Rahner afirmando que “o que Maria possui, em última instância, deve ser também nosso” (RAHNER, 2012, 49).

Nessa proposta de Rahner, ao apresentar Maria como a realização plena do cristianismo perfeito, tem-se uma possibilidade de compreender a mariologia no todo da teologia. Nesse sentido, a mariologia se apresenta como um testemunho fidedigno de que a redenção, a graça, a justificação e a salvação já aconteceram plenamente em uma criatura simplesmente humana. E ainda mais, pobre e mulher, é ela que reluz como farol para apontar onde se encontra o que Deus tem preparado

desde todo o sempre para todos os seus filhos. Em Maria a humanidade encontra de fato o porto seguro ao saber que o que seu Filho veio realizar já começou concretizar-se na nossa humanidade simplesmente humana.

Referências

RAHNER, Karl. **María, madre del Señor.** Barcelona, Herder, 2012.

RAHNER, Karl. La Inmaculada Concepción. In. **Escritos de teología.** Vol. I. Madrid, ediciones cristiandad, 2000.

RAHNER, Karl. Sobre el sentido del dogma de la asunción. In. **Escritos de teología.** Vol. I. Madrid, ediciones cristiandad, 2000.

RAHNER, Karl. El dogma de la Inmaculada Concepción de María y nuestra piedad. In. **Escritos de teología.** Vol. IV. Madrid, ediciones cristiandad, 2002.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé.** São Paulo, Paulus, 2004.

GONZÁLEZ, Carlos I. **Maria evangelizada e evangelizadora.** São Paulo, Loyola, 1990.

GARCÍA PAREDES, José C.R. **Mariología.** Madrid, BAC, 2001.